

ERRATA-04

RITA AZEVEDO GOMES

Rita Azevedo Gomes trabalha no cosmos do cinema português como realizadora, argumentista e designer gráfica.

Frequentou Pintura e Escultura na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa e, embora não tenha chegado a concluir o curso, transporta essa sensibilidade artística — em termos de cor e composição — e método para os filmes que realiza. Durante um ano, lecionou Educação Visual a turmas do ensino secundário em São Bartolomeu de Messines, regressando posteriormente a Lisboa. Integrou a equipa do Ministério do Trabalho, onde trabalhou num programa semanal dedicado aos emigrantes portugueses, emitido pela ORTF — Office de Radiodiffusion Télévision Française, que lhe conferiu competências ao nível da edição e montagem. Sob a direção de Helena Vaz da Silva, foi responsável pelo design editorial da revista *Raíz e Utopia*, a partir de 1978, e posteriormente trabalharam juntas na promoção gráfica das iniciativas do Centro Nacional de Cultura, cuja presidência Vaz da Silva assumiu em 1979.

Em 1993, Rita Azevedo Gomes começa a trabalhar na Cinemateca Portuguesa, onde desenvolve projetos de design gráfico e editorial de reconhecida qualidade, sob a direção João Bénard da Costa, com quem colaborara na Fundação Calouste Gulbenkian ao longo da década de 1980.

Considera que faz um cinema “à margem das margens” e que sempre sentiu um certo paternalismo ou condescendência, por parte de certas pessoas ligadas ao cinema português, pelo facto de ser mulher; por não ter frequentado a Escola Superior de Teatro de Cinema, nem integrado o núcleo de profissionais que emergiu dessa escola no último quartel do século XX; e também pela peculiaridade do seu cinema, não enformado/conformado por um ensino mais académico. Trabalhou no guarda-roupa de *Francisca* (1982) de Manoel de Oliveira, e realizou a sua primeira longa-metragem, *O Som da Terra a Tremer* em 1990, à qual se seguiram *Frágil como o Mundo* (2001), *Altar* (2002), *Vingança de Uma Mulher* (2012), *Correspondências* (2016) e *A Portuguesa* (2018), além de outras curtas e médias metragens e documentários. Além da realização, desempenha ainda funções de programadora e curadora de exposições na Cinemateca Portuguesa.

Igor Ramos, 2021

ERRATA-05

ANA FILIPA TAINHA

As artes sempre interessaram a Ana Filipa Tainha: “a arte, a simbologia, o rigor do traço, da resposta, o fascínio da cor, a prática da imaginação e o sentido prático, tudo isto me levou à profissão de Designer Gráfica”. Ana Filipa Tainha começa por estudar Pintura na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa, mas no final do primeiro ano decide ingressar no Curso de Formação Artística, promovido pela Sociedade Nacional de Belas Artes. Este novo curso, que frequenta de 1968 a 1972, tinha como objetivo preparar artistas gráficos para o trabalho de “atelier”, abordando temas como o Design, as Formas de Comunicação Visual, a Visualização e as Artes Gráficas. Ana Filipa Tainha guarda boas memórias desses tempos, do ambiente dinâmico onde “de uma forma livre, não académica” lhe facultaram o contato, e estimularam o gosto, pelo que poderia ser a atividade de uma designer.

Analisando o trabalho de Ana Filipa Tainha, torna-se visível a precisão do seu desenho, a paixão pela meticulosidade. A abertura ao mercado internacional, após a Revolução de Abril, proporciona ao design gráfico português um período fértil. Tentando destacar-se internacionalmente, as empresas dependem do design para refazer as suas identidades com uma nova linguagem, moderna. Ana Filipa Tainha, com olho matemático e mão precisa, trabalhou para várias instituições, empresas e serviços, no desenho da sua Imagem Global, como era chamada na época. As identidades que criou são, na sua maioria, inspiradas num desenho geométrico que adapta para produzir formas surpreendentes, como a desconstrução de um quadrado, criando dois A's com apenas linhas retas para a Associação dos Arquitectos Portugueses, ou o desenho em que utiliza triângulos e círculos sugerindo árvores, matéria orgânica, para o logótipo da Associação Portuguesa dos Arquitectos Paisagistas. Nestes desenhos, todas as decisões, desde a composição geral até à espessura de cada linha, foram tomadas com base numa grelha matemática.

O percurso profissional de Ana Filipa Tainha começa na Cooperativa Praxis, onde trabalha, de 1971 a 1973, ao lado de designers como Alda Rosa [ver ERRATA-08], Assunção Cordovil [ver ERRATA-07] e Cristina Reis [ver ERRATA-15], também apresentadas nesta exposição. Depois da Praxis, trabalha no Atelier Moura-George Designers. Entre 1976 e 2012, dedica-se, como profissional liberal, ao design gráfico, identidade corporativa, design editorial e sinalização.

Isabel Duarte, 2021